

# *brevíssimos cindes* 09

## Brasil, Índia e China (BICs) no G-20\*

CINDES

Junho de 2010

Antes da “Grande Recessão”, a política macroeconômica global era coordenada por um pequeno grupo de países industrializados (G-5, G-7, G-8). A decisão de estabelecer o G-20 como um fórum de liderança para a coordenação econômica internacional durante a Cúpula de Pittsburgh em setembro de 2009 marca uma mudança importante no processo de tomada de decisão internacional, com importância crescente das economias emergentes. Embora os compromissos do G-20 se tenham tornado mais específicos, não é claro que eles permitam atingir resultados tangíveis, já que o G-20 não possui um mecanismo formal para fazer cumprir as resoluções, que funciona por consenso.



\* Este texto é um resumo da publicação Breves Cindes 31, Brazil, Índia and China (BICs) in the G20, disponível em versão integral no site [www.cindesbrasil.org](http://www.cindesbrasil.org)

## Dos BRICs aos BICs

Brasil, Índia e China são parte dos BRICs, um grupo que ganhou tração no despertar da crise<sup>1</sup>. Os países do BRIC são atores regionais-chave, competindo cada vez mais por mercados industriais e agrícolas (com o yuan desvalorizado causando prejuízos às exportações do Brasil e da Índia) e por influência geopolítica (China, Índia e Rússia na Ásia; Brasil e China na África). A China tem vantagem comparativa na exportação de manufaturas; o Brasil em *commodities*; e a Índia em serviços de tecnologias da informação. Dada a sua dependência em petróleo e gás, baixo desempenho durante a crise, população em declínio e o fato de não ser membro da OMC, a Rússia se encaixa mal neste grupo<sup>2</sup>. Apesar do acrônimo atraente, muitos analistas questionaram a racionalidade dos BRICs, sugerindo que as diferenças escondem seus interesses comuns e comprometem sua capacidade para se por de acordo em relação a uma estratégia comum.

Os BICs são países grandes, com grandes mercados domésticos, mas diferenças econômicas marcadas. Em termos de peso econômico, a China é o membro dominante do grupo. Os três países adotaram abordagens diferentes para o gerenciamento econômico, a China seguindo um modelo de desenvolvimento baseado em investimentos pesados e exportações, enquanto o Brasil e a Índia são mais focados em seus mercados domésticos. Os três países estão tentando inovar e diversificar as suas economias em um mundo crescentemente globalizado. Apesar do forte crescimento recente, a pobreza e a desigualdade da distribuição de renda ainda são preocupações importantes dos BICs.

O Brasil e a Índia são democracias totais, desfrutam de alto grau de legitimidade doméstica, regional e internacional, enquanto a China segue linha política autocrática. Brasil e Índia fazem campanha pela reforma do Conselho de Segurança da ONU, no qual assentos permanentes são reservados para potências nucleares. Uma potência não nuclear, o Brasil resente o fato de não possuir um assento permanente no Conselho de Segurança, sentimento compartilhado pela Índia, potência nuclear.

A posição da China em questões fundamentais do G-20 é tipicamente baseada no pragmatismo e na tentativa de integrar sua relação complexa com os Estados Unidos com seu desejo de falar e ser vista como um país em desenvolvimento. Apesar de seu crescente poder econômico, a China prefere exercer sua liderança indiretamente através de coordenação com outros países emergentes de grande porte como o Brasil e a Índia.

O impacto do Brasil na agenda internacional está crescendo, apesar de sua pequena participação no comércio internacional, ancorada em um esforço diplomático ativo para defender sua liderança. As relações do Brasil com os Estados Unidos têm se tornado mais conflituosas com o tempo, enquanto que o diálogo entre os Estados Unidos e outros dois BICs é mais intenso e pragmático.

A Índia percebe o apoio aos países em desenvolvimento como um teste à capacidade de liderança dos grandes países emergentes. Com este fim, o país defende de forma consistente o interesse dos países em desenvolvimento, pressionando por atenção às suas necessidades, especialmente em relação à infraestrutura e ao financiamento à exportação.

<sup>1</sup> A primeira cúpula dos BRICs ocorreu em junho de 2009 em Yekaterinburg (Rússia), com uma agenda relativamente ampla. Desde então, o impulso para promover cooperação entre os BRICs tem aumentado. A segunda cúpula ocorreu em Brasília em abril de 2010.

<sup>2</sup> Para argumentos contra a inclusão da Rússia nos BRICS, veja por exemplo "What's in a BRIC?" de Joseph Nye (<http://www.project-syndicate.org/commentary/nye82/English>).

## A crescente influência dos BICs

Os BICs responderam vigorosamente à crise econômica e financeira global adotando eficazes programas de estímulo fiscais/monetários. Estes programas ajudaram a estabilizar a produção global, melhorando a credibilidade e poder econômico destes países. O enorme estímulo econômico chinês foi um dos maiores no G-20, evitando um colapso desastroso de empregos e contribuindo para uma redução notável na relação entre superávit na conta corrente /PIB entre 2007 e 2009. Enquanto isso, a China se tornou o maior exportador do mundo. No Brasil e na Índia, o bom gerenciamento econômico e a crença de que – desta vez – os mercados emergentes não eram a causa da crise, consolidaram a popularidade dos governos democráticos.

O desempenho macroeconômico robusto dos BICs durante a recessão traduziu-se em aumento de influência geopolítica e em crescente vontade de aumentar sua participação em assuntos globais. Visando aumentar o grau de ‘multipolaridade’ no mundo, os BICs pressionaram fortemente para o estabelecimento do G-20 como o fórum líder para discussões econômicas globais. Ao mesmo tempo, estes países

intensificaram a cooperação mútua, aumentando a frequência de reuniões e esforços de coordenação.

## Os BICs e os temas-chave do G20: convergências e divergências

O Brasil, a Índia e a China (BICs) emergem como líderes mais assertivos depois da Recessão. Sua plataforma em comum é o desejo do aumento da participação no processo internacional de tomada de decisões e na construção de uma nova arquitetura internacional, com estruturas de governança global mais democráticas, representativas e legítimas. Estes países tentam minimizar suas diferenças para oferecer uma frente unida em suas tentativas de defender seu interesse estratégico (e garantir os interesses dos países em desenvolvimento) e obter visibilidade crescente como potências emergentes em uma ordem internacional em mudança.

Apesar de esforços para estabelecer posições comuns em frentes de negociação relevantes, eles possuem diferenças significativas em seus interesses econômicos e estratégicos. O quadro abaixo representa uma tentativa de resumir as posições dos três países na agenda do G-20.

### Posições dos BICs em questões-chave do G-20

Tema	Resumo da Posição
Recuperação e Desequilíbrios Globais	<b>Interesses divergentes:</b> Brasil e Índia têm sido afetados negativamente pela valorização do yuan, mas têm evitado pressionar abertamente a China.
Reforma do Setor Financeiro Internacional	<b>Interesses moderadamente convergentes:</b> os BICs estão unidos em demandar a reforma do sistema financeiro internacional, mas existem diferenças importantes nos detalhes, refletindo especificidades dos seus sistemas financeiros nacionais.
Reforma das Instituições Financeiras Internacionais	<b>Interesses convergentes:</b> os países estão unidos nas demandas por reformas nas cotas, voz e governança.
Mudança Climática	<b>Interesses divergentes nas negociações climáticas, mas posições convergentes no G-20:</b> os BICs têm matrizes energéticas bem diferentes e interesses diferentes, mas os três têm tentado apresentar posições comuns. O Brasil recentemente tem se movido em direção a uma abordagem mais “progressista”. Os países preferem que as negociações sobre mudança climática ocorram no fórum da ONU e não no G-20.
Comércio Global	<b>Interesses divergentes, tentativas de coordenar posições:</b> Os BICs têm tentando coordenar posições no G-20 em relação ao comércio, mas frustraram a coalizão quando alguns deles questionaram o “pacote Lamy” (Julho de 2008)